



**PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES COOPERATIVISTAS DO PARANÁ EM
MOVIMENTOS SOCIAIS, POLÍTICO E ECONÔMICOS**

**PARTICIPATION OF WOMEN COOPERATIVISTS OF PARANA IN SOCIAL,
POLITICAL AND ECONOMIC MOVEMENTS**

Aline Saggin*
Adilson Francelino Alves**

RESUMO

Ao longo da história a mulher viveu, e em alguns casos ainda vive a mercê da sociedade, submissa ao patriarcado e excluída das tomadas de decisões. No ocidente essa situação começou a mudar, quando no final do século XIX algumas mulheres de classe média, se organizaram e passaram a reivindicar por direitos políticos e sociais. Essa organização passou a ser conhecida como movimento feminista. Desde o surgimento o movimento feminista vem se configurando de acordo com o grupo social ao qual é aderido. Em seu início, o movimento feminista era representado por mulheres brancas e de classe média que possuíam conhecimento acadêmico e que viviam na zona urbana, atualmente percebemos que o movimento feminista está se pluralizando, estando presente em todas as classes sociais bem como no meio urbano e no meio rural. A mulher enquanto ator social vem desempenhando importante papel na luta pela garantia de direitos e pela igualdade social. Buscando compreender essa ligação da mulher com os movimentos sociais, o presente artigo busca traçar o perfil dos movimentos aos quais as mulheres do cooperativismo solidário estão inseridas. A partir desse perfil, procuramos compreender melhor sua participação nas arenas públicas e políticas pela luta para a melhoria social.

Palavras-chave: Feminismo; Movimentos Sociais; Gênero

ABSTRACT

The long history of women lives, and in some cases still lives the mercy of society, submits to patriarchy and excludes decision-making. At the time of change, when there was no end of the nineteenth century, some middle-class women organized and began to claim political and social rights. This organization came to be known as the feminist movement. Since the emergence of the feminist movement has been configured according to the social group to which it is adhered. In the beginning movement, the feminist movement was represented by white and middle-class women who had academic knowledge and who lived in the urban zone. We verified that the feminist movement is being pluralized, having in all social classes as well as in the urban environment and not countryside. Women as social actors have been playing an important role in the fight for the guarantee of rights and social equality. Seeking the knowledge of the connection of the woman with the social movements, the present article seeks to trace the sense of the sense of the movements as women of solidarity cooperativism are inserted. From this profile, we seek to improve their participation in the public arenas and to make campaigns to improve the social.

Keywords: Feminism; Social Movements; Gender

* Acadêmica do curso de Serviço Social da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE Campus Francisco Beltrão. Bolsista PIBIC da Fundação Araucária. E-mail: alinessaggin@gmail.com

** Sociólogo, doutor pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), professor Associado da UNIOESTE – Francisco Beltrão, membro do Grupo de Estudos Territoriais (GETERR) e pesquisador do Instituto de Pesquisa Risco e Sustentabilidade (IRIS), docente do PPGDRS mestrado/doutorado e orientador PIBIC. E-mail: adilsonfalves@gmail.com



Introdução

Durante muito tempo as mulheres se encontravam, e muitas vezes ainda se encontram socialmente invisíveis, excluídas da tomada de decisões e subordinadas ao patriarcado. Frente essa conjuntura e ao crescente processo de industrialização, iniciou-se no final de século XIX e início do século XX, um movimento organizado e vivido por mulheres, o qual buscava a garantia de direitos sociais e políticos. Uma das primeiras conquistas desse movimento foi o direito ao voto.

Esse movimento de luta exercido pelas mulheres, na garantia de seus direitos, passou a se chamar genericamente de “movimento feminista”. Segundo (ALVES; ALVES, 2013, p.117) “a principal luta do movimento feminista é combater a opressão a que estão sujeitas as mulheres, as quais almejam alcançar autonomia e protagonismo na sociedade, defendendo a igualdade de direitos entre homens e mulheres”.

Partindo dessa união das mulheres, o movimento feminista se faz presente nos mais diversos âmbitos sociais. Podendo ser observado nos movimentos sociais aos quais as mulheres estão inclusas. Frente a essa característica, os objetivos das mulheres vão se configurar de acordo com os interesses do grupo aos quais as mesmas estão vinculadas, podendo dessa forma ocorrer ajustes e diferenciações nas agendas de luta.

Feminismo como movimento

O feminismo configura-se pelo movimento das mulheres na luta pela garantia de direitos e pela igualdade social. Além disso, o feminismo caracteriza-se por possuir uma teoria e uma reflexão crítica própria. Como diz Soares ((SOARES, p.33-34,1998):

“[...] o feminismo é a ação política das mulheres. Engloba teoria, prática, ética e toma as mulheres como sujeitos históricos da transformação de sua própria condição social. [...] O feminismo se expressa em ações coletivas, individuais e existenciais, na arte, na teoria, na política.”.

Tendo início no final do século XIX e começo do século XX, o movimento feminista pode ser caracterizado em três grandes ondas. A primeira ocorreu no final do século XIX e início do século XX, tendo como ênfase a luta pela garantia do direito ao voto. Essa onda do movimento ficou conhecida através das sufragistas. A segunda onda ocorreu nas décadas de 1960 a 1980, se caracterizando pela defesa ao direito do corpo e ao prazer e, também pela luta por igualdade e fim da discriminação. Já a terceira onda feminista inicia-se na metade da década de 1980, surgindo como resposta às falhas da segunda onda, questionando o que é bom e o que é ruim para a mulher.

De acordo com (PINTO, 2010) a primeira onda do movimento feminista se dá no fim do século XIX e começo do século XX, iniciou com a mobilização das



Edição Especial Cooperativismo e Desenvolvimento Local

mulheres na Inglaterra, que reivindicavam por direitos sociais e políticos, sendo o direito ao voto o mais popularizado. As mulheres desse período do movimento ficaram conhecidas como sufragistas, justamente pelo fato de a luta pelo direito ao voto ter sido mais popularizado, as mesmas são consideradas as primeiras ativistas do feminismo no século XIX e XX. Nesse período as mulheres operárias também passaram a reivindicar por melhores condições de trabalho nas fábricas, inclusive no Brasil.

A segunda onda do movimento feminista ocorre durante as décadas de 1960 a 1980. Esse período foi marcado por grandes mudanças sociais como o surgimento do movimento “hippie” que propagou o lema “paz e amor” e que contrariava os valores morais e de consumo imposto pelas sociedades burguesas, particularmente a norte-americana onde o movimento foi muito forte. Outro marco importante desse período foi o lançamento da pílula anticoncepcional, a qual proporcionou um maior poder da mulher sobre seu próprio corpo, além disso, a disponibilidade da pílula anticoncepcional possibilitou uma maior autonomia às mulheres. Assim sendo, nessa segunda onda o feminismo:

“[...] aparece como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher – no trabalho, na vida pública, na educação –, mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo. [...]” (PINTO, p.16).

No Brasil nessa época, vivia-se um período de repressão, ocasionado pela ditadura militar que olhava com desconfiança as manifestações feministas. Em nível internacional um marco importante que ocorreu nesse período foi no ano de 1975 declarado pelas Organização das Nações Unidas (ONU) como Ano Internacional da Mulher.

A terceira onda do feminismo iniciou em meados da década de 1980 a 1990, atuou como resposta as falhas da segunda onda. Nesse momento nota-se uma maior consideração pelas especificidades da mulher. A partir de então, o movimento feminista que era um movimento urbano de mulheres brancas e com agendas da classe média passa a valorizar os diferentes tipos de mulheres, considerando seus aspectos culturais, étnicos e sociais. É somente a partir da terceira onda do feminismo, que percebemos a participação mais ampla das diversas faces de mulheres.

Como podemos perceber, o movimento feminista possui diversas características. Características, estas, que variam de acordo com a localidade e grupo social ao qual as mulheres estão inseridas. Sendo assim, podemos notar algumas diferenças em manifestações no meio urbano e no meio rural, como também na nomenclatura dos movimentos, onde alguns levam o termo “movimento feminista” e outros levam o termo “movimento de mulheres”.



Feminismo urbano no Brasil

O movimento feminista em seu início, no final do século XIX e começo do século XX, ficou caracterizado pela participação de mulheres brancas, de classe média e instruídas. De acordo com (SOARES, 1994) no ano de 1975 o movimento feminista ressurgiu nos principais centros urbanos. Nesse período as mulheres vinculadas ao movimento, passam a atuar nos bairros e comunidades periféricas da zona urbana, tendo como pauta questões cotidianas.

Uma parcela dos movimentos de mulheres contemporâneos, no Brasil, nasceu dos grupos de vizinhança nas periferias dos grandes centros urbanos. As mulheres dos bairros populares construíram uma dinâmica política própria. Através de seus papéis socialmente designados de esposas e mães, fizeram os primeiros protestos contra o regime militar. Lutaram contra o aumento do custo de vida, demandaram escolas adequadas, centros de saúde, água corrente, transportes, eletrificação, moradia, legalização de terrenos e outras necessidades de infraestrutura urbana, exigiram condições adequadas para cuidar de sua família, educar suas crianças. [...]. (SOARES, 1994,p.16).

É no espaço urbano que presenciamos um feminismo cada vez mais plural, inserido nas diversas camadas da sociedade, sendo porta voz de luta para as mulheres negras, periféricas, de todas as classes econômicas. Utilizado para a defesa dos interesses de cada grupo, respeitando suas especificidades.

O feminismo no meio rural

No Brasil o movimento de mulheres no meio rural ganhou grande visibilidade com a Marcha das Margaridas¹, pelo Movimento das Mulheres Camponesas - MMC e pelas mulheres do Movimento dos Sem Terra - MST. Com uma agenda voltada a questão agrária, meio ambiente, água e crítica ao latifúndio, o movimento feminista rural se diferencia do movimento feminista urbano que possui uma agenda que luta por melhores condições de trabalho nas indústrias, melhores condições de infraestrutura urbana, entre outros. Mesmo com essas diferenças, ambos lutam pela garantia de direitos as mulheres.

Os movimentos de mulheres no meio rural surgem na década de 1980, período em que ocorre a organização de diversos movimentos sociais no campo. O

¹ A Marcha das Margaridas tem esse nome para homenagear a trabalhadora rural e líder sindicalista Margarida Maria Alves, assassinada, em 1983, quando lutava pelos direitos dos trabalhadores na Paraíba. A primeira edição da marcha ocorreu em 2000 e reunindo cerca de 20 mil agricultoras, quilombolas, indígenas, pescadoras e extrativistas brasileiras. A Marcha Das Margaridas é articulada pela Confederação nacional dos trabalhadores da agricultura- CONTAG, com a participação de mulheres dos STRs de todo o Brasil.



Edição Especial Cooperativismo e Desenvolvimento Local

movimento de mulheres do campo, articulado em diversos estados do Brasil, recebeu nomes distintos, porém possuíam as mesmas bandeiras de luta, como o reconhecimento e valorização da mulher trabalhadora rural, além da defesa e garantia de direito às mulheres. Esses movimentos de mulheres surgiram com o apoio das Comunidades Eclesiais de Base (CEB's)², que possuíam grupos de oração e clube de mães, o qual proporcionava à seus participantes um espaço de discussão e reflexão sobre temas de interesse dos mesmos. Uma conquista muito importante desse período foi a garantia dos direitos previdenciários às mulheres rurais, como a aposentadoria aos 55 anos para as mulheres e aos 60 para os homens, auxílio doença, salário maternidade dentre outros (GADELHA, 2017, p.120).

Buscando articular as lutas das mulheres dos movimentos autônomos, bem como, as mulheres dos movimentos mistos do campo, consolida-se na década de 1990 a Articulação Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais – ANMTR. Já em 2004 consolida-se o Movimento das Mulheres Camponesas (MMC) que possui dois eixos de luta: Gênero e Classe, ou seja, são mulheres que lutam pela igualdade nas relações sociais e no reconhecimento como trabalhadora rural.

Outro marco importante na visibilidade do movimento feminista no campo é a Marcha das Margaridas, a qual é realizada desde o ano 2000. A Marcha das Margaridas é uma ação das mulheres do campo, da floresta e das águas, que lutam pela sua visibilidade, reconhecimento e garantia da cidadania. Muitas foram às conquistas alcançadas pela Marcha das Margaridas, algumas dessas conquistas foram: formação do Grupo de Trabalho (GT) sobre Gênero e Crédito e a criação do Pronaf Mulher; Declaração de Aptidão ao Pronaf (DAP) em nome do casal; criação da Coordenadoria de Educação do Campo no MEC; Campanha Nacional de Enfrentamento a Violência contra as Mulheres do Campo e da Floresta, entre outras conquistas de grande importância para o campo. Tais conquistas são resultados da luta conjunta os diversos movimentos do campo, como MST, MMC, dentre outros.

Como visto, o movimento das mulheres do campo é bastante amplo, tendo grande influência na sociedade através dos movimentos citados a cima. Mas esses feminismos vão além, ele se fazem presentes nas organizações de base que podem ser relacionadas às associações de clube de mães, nos movimentos de igreja, entre outros, que possuem ampla abrangência no meio rural. É um feminismo que luta por direitos considerados básicos as mulheres, como aposentadoria e licença maternidade, entre outros.

Mesmo com diferenças em relação ao movimento feminista urbano mais visível na sociedade, o movimento rural pode ser tido como exemplo de mobilização pelos direitos das mulheres. Como diz Faria (FARIA, 2007) “Os movimentos de mulheres do campo são um dos movimentos mais enraizados, contam com maior

² “As comunidades eclesiais de base (CEB's) são pequenos grupos organizados em torno da paróquia (urbana) ou da capela (rural), por iniciativa de leigos, padres ou bispos.” http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/freibetto/livro_betto_o_que_e_cebs.pdf, acessado em 31 de julho de 2017.



Edição Especial Cooperativismo e Desenvolvimento Local

organicidade e capacidade de mobilização [...]”. Essa organização das mulheres do meio rural possibilitou que, as mesmas, mostrassem seu potencial de reivindicação pelo seu reconhecimento como cidadã e trabalhadora. Esse fato se caracteriza na fala de Soares (SOARES, p. 42 apud LAVINAS e CAPPELLIN, 1991, p. 28) que relata que as mulheres do campo “[...] vêm transformando o cenário político e social da agricultura brasileira ao mostrar sua combatividade e determinação na luta pela conquista de uma nova identidade social, a de mulheres trabalhadoras rurais”. Na dimensão econômica, além do acesso ao crédito é importante observar quais são as opções disponíveis para a autonomia da mulher rural. Quando olhamos para esse aspecto o cooperativismo desponta como uma das possibilidades viáveis, seja por seu caráter inclusivo, seja pelas possibilidades de arranjos sociais e econômicos que ele pode propiciar, sendo assim no próximo tópico discutiremos alguns elementos sobre a temática.

Cooperativismo de economia solidária e agenda feminista

O cooperativismo desde seu surgimento busca proporcionar o desenvolvimento e a autonomia de seus envolvidos, possuindo assim, importante papel no quesito de visibilidade da mulher. Neste sentido, o cooperativismo juntamente com a economia solidária busca a não divisão sexual de trabalho, possibilitando que a mulher também seja dona da produção, proporcionando sua autonomia econômica.

Embora tímida a presença da mulher no cooperativismo se faz presente desde o surgimento da primeira cooperativa, no ano de 1844. A partir de então, sua participação tem aumentado e adquirido maior visibilidade, porém a presença do homem nas presidências das cooperativas ainda é majoritária. Mesmo com a diretiva que exige que pelo menos 30% dos conselhos administrativos sejam formados por mulheres, são poucas as cooperativas que possuem mulheres no cargo de presidência. No ano de 2009, a partir da parceria criada entre a União Nacional das Cooperativas da Agricultura Familiar e Economia Solidária – UNICAFES e a CRESOL Baser, juntamente com a ONG Trias e com o Instituto Nacional de Formação do Cooperativismo Solidário – INFOCOS, criou-se o Programa Gênero e Geração, o qual tem por missão a “Busca pela melhor participação de mulheres e jovens no processo de desenvolvimento do Cooperativismo Solidário, visando a adoção de políticas igualitárias.”(Gênero e Geração do Cooperativismo Solidário, 2013).

O Programa Gênero e Geração realiza trabalhos de formação política e social, além de cursos técnicos que pretende gerar melhorias da produção das mulheres como cursos de panificação, alimentação saudável, gestão familiar, finanças entre outros. Em suas cartilhas, utilizadas nos encontros de formação, são abordados diversos temas como Relações Culturais e Sociais (2011), Gestão Participativa (2011), Modelos de Organização (2015), Agricultura Familiar e seus Desafios (2015),



Edição Especial Cooperativismo e Desenvolvimento Local

entre outros. Outra ação de grande importância do Programa Gênero e Geração é o Encontro Estadual da Mulher Rural, realizado no dia 15 de outubro, no qual é comemorado o Dia Internacional da Mulher Rural. Esse encontro, além dos aspectos comemorativos, objetiva o compartilhamento das experiências que as mulheres adquiriram nos encontros regionais realizados durante o ano.

Nos dias atuais além da mulher participar de cooperativas mistas, onde há a presença do homem, existem também cooperativas exclusivas de mulheres. Os movimentos de inserção da mulher no cooperativismo solidário, juntamente com ações como as do Programa Gênero e Geração, proporcionam a mulher uma melhoria na sua autoestima, além de possibilitar sua autonomia, proporcionando que ela seja transformadora da sociedade e possibilitando que ela seja vista como trabalhadora e cidadã.

Materiais e métodos

O presente artigo foi elaborado a partir do relatório sobre a percepção das mulheres filiadas às cooperativas da agricultura familiar presentes no Congresso dos 10 anos de criação da UNICAFES realizado em Francisco Beltrão no mês de dezembro de 2015.

A definição do tamanho da amostra foi realizada pelos pesquisadores responsáveis pela sua elaboração e aplicação em negociação com a entidade. Segundo, proposta apresentada à UNICAFES a para desenvolver a pesquisa, o primeiro passo foi determinar uma amostra, selecionada aleatoriamente o tamanho da amostra (384 entrevistadas) foi determinada com base nas equações (1) e (3). De acordo com Alvarez (2008), a equação (1) é a mais utilizada pelos institutos de pesquisa, dentre eles o IBOPE e o VOX POPULI.

$$n = \frac{Z_{((1-\alpha)/2)}^2}{4e^2} \quad (1)$$

Onde, n é o tamanho da amostra; $Z_{((1-\alpha)/2)}^2$ é o valor do quadrado da estatística da normal padronizada; $(1-\alpha)$ é o nível de confiança; e e é a margem de erro. Além da equação (1), utilizou-se a equação (3), apresentada por Scheunemann (2008), uma vez que esta última acrescenta a informação do tamanho da população a ser pesquisada:

$$n_0 = \frac{1}{E_0^2}$$

(2)



$$n = \frac{N \cdot n_0}{N + n_0}$$

(3)

onde n_0 é a primeira aproximação do tamanho da amostra; E_0 é o erro amostral tolerável; N é o número de elementos da população; e n é o tamanho da amostra final.

A pesquisa que serviu de base para esse artigo foi fruto de duas demandas distintas que ao se encontrarem produziram um processo de reflexão sobre a visão das mulheres vinculadas de alguma forma ao cooperativismo da agricultura familiar no cenário Paranaense. A primeira demanda refere-se à necessidade da UNICAFES compreender melhor o pensamento das mulheres em relação ao cooperativismo; a segunda se refere à preocupação de verificar o porquê da baixa participação das mulheres nas atividades das cooperativas.

Os atores do cooperativismo solidário no Paraná

Buscando compreender as mulheres integrantes do cooperativismo solidário do estado do Paraná, neste tópico focamos nossa análise sobre a participação feminina em: Movimento de Mulheres, Movimento de Jovens, Movimento Estudantil, Produção Agroecológica, Feiras Livres, ONG's, Grupos de Igreja Católica, Grupo de Igreja Evangélica e participação de partidos políticos. Para analisar os mesmos, traçaremos os seguintes dados: idade e movimento social.

Podemos observar na Tabela I que apenas 30,4% das mulheres presentes no Congresso participam de algum movimento de mulheres. A faixa etária mais participativa encontra-se entre 41 a 65 anos, constituindo 63,24% das mulheres que afirmaram participar de movimentos de mulheres e apenas 19,27% do total de entrevistadas. Por outro lado percebe-se que as mulheres mais jovens (de 16 a 35 anos) apenas 6,51% participam de algum movimento.

De acordo com a tabela II, podemos perceber a baixa participação das mulheres em movimentos de jovens é ainda menor sendo representada por somente 2,34% das entrevistadas.



Edição Especial Cooperativismo e Desenvolvimento Local

Tabela I – Participação das mulheres presentes no Congresso de 10 anos da UNICAFES em Movimentos de Mulheres, com relação à idade.

Idade	Movimentos de Mulheres		Total
	Sim	Não	
- de 16 anos	1	7	8
De 17 a 21 anos	2	19	21
De 22 a 25 anos	3	17	20
De 26 a 30 anos	7	19	26
De 31 a 35 anos	12	27	39
De 36 a 40 anos	14	35	49
De 41 a 50 anos	36	65	101
De 51 a 65 anos	38	70	108
+ de 65 anos	4	8	12
Total	117	267	384

Fonte: Banco de dados pesquisa Congresso de 10 anos da UNICAFES – 2015

Tabela II – Participação das mulheres presentes no Congresso de 10 anos da UNICAFES em Movimentos de Jovens, com relação à idade.

Idade	Movimentos de Jovens		Total
	Sim	Não	
- de 16 anos	3	5	8
De 17 a 21 anos	2	19	21
De 22 a 25 anos	0	20	20
De 26 a 30 anos	0	26	26
De 31 a 35 anos	1	38	39
De 36 a 40 anos	2	47	49
De 41 a 50 anos	0	101	101
De 51 a 65 anos	0	108	108
+ de 65 anos	1	11	12
Total	9	375	384

Fonte: Banco de dados pesquisa Congresso de 10 anos da UNICAFES – 2015

Na tabela III, no que se percebe a participação das mulheres em movimentos estudantis também é baixíssima, sendo representado por um percentual de 0,52%



Edição Especial Cooperativismo e Desenvolvimento Local

das entrevistadas. Este aspecto era esperado, pois além do enfraquecimento do movimento em si a tradição de movimentos estudantis no meio rural é historicamente bastante baixa.

Tabela III – Participação das mulheres presentes no Congresso de 10 anos da UNICAFES em Movimento Estudantil, com relação à idade.

Idade	Movimento Estudantil		Total
	Sim	Não	
- de 16 anos	1	7	8
De 17 a 21 anos	0	21	21
De 22 a 25 anos	0	20	20
De 26 a 30 anos	0	26	26
De 31 a 35 anos	0	39	39
De 36 a 40 anos	0	49	49
De 41 a 50 anos	0	101	101
De 51 a 65 anos	1	107	108
+ de 65 anos	0	12	12
Total	2	384	384

Fonte: Banco de dados pesquisa Congresso de 10 anos da UNICAFES – 2015

Na tabela IV, procurando observar como as mulheres se inserem nas atividades produtivas, sobretudo na produção de alimentos, foi perguntado se elas participam de alguma forma da produção agroecológica, percebemos que a participação das mulheres na produção agroecológica representa 2,86% das entrevistadas, estando às mesmas na faixa etária de 26 a mais de 65 anos. Apesar de percentualmente pequeno em relação à amostra, este dado está em consonância com o percentual nacional de produção agroecológica apresentado pelo Censo agropecuário de 2016 (Lourenço; Schneider e Gazolla, 2017).

Na tabela V procurando observar como as mulheres se inserem nas atividades econômicas, sobretudo de redes curtas foi perguntado se elas participam de alguma forma de feiras de produtores podemos perceber que a participação das mulheres em Feiras Livres representa 6,25% das entrevistadas. Este é um espaço econômico que as mulheres poderiam ocupar, mas que necessita ser melhor trabalhado pelos dirigentes de cooperativas.



Edição Especial Cooperativismo e Desenvolvimento Local

Tabela IV – Participação das mulheres presentes no Congresso de 10 anos da UNICAFES mulheres em Produção Agroecológica, com relação à idade.

Idade	Produção Agroecológica		Total
	Sim	Não	
- de 16 anos	0	8	8
De 17 a 21 anos	0	21	21
De 22 a 25 anos	0	20	20
De 26 a 30 anos	1	25	26
De 31 a 35 anos	1	38	39
De 36 a 40 anos	2	47	49
De 41 a 50 anos	2	99	101
De 51 a 65 anos	4	104	108
+ de 65 anos	1	11	12
Total	11	373	384

Fonte: Banco de dados pesquisa Congresso de 10 anos da UNICAFES – 2015

Tabela V – Participação das mulheres presentes no Congresso de 10 anos da UNICAFES em Feiras Livres, com relação à idade.

Idade	Feiras Livres		Total
	Sim	Não	
- de 16 anos	1	7	8
De 17 a 21 anos	3	18	21
De 22 a 25 anos	0	20	20
De 26 a 30 anos	3	23	26
De 31 a 35 anos	1	38	39
De 36 a 40 anos	2	47	49
De 41 a 50 anos	6	95	101
De 51 a 65 anos	7	101	108
+ de 65 anos	1	11	12
Total	24	360	384

Fonte: Banco de dados pesquisa Congresso de 10 anos da UNICAFES – 2015



Edição Especial Cooperativismo e Desenvolvimento Local

Tabela VI – Participação das mulheres presentes no Congresso de 10 anos da UNICAFES em ONG, com relação à idade.

Idade	ONG		Total
	Sim	Não	
- de 16 anos	0	8	8
De 17 a 21 anos	0	21	21
De 22 a 25 anos	0	20	20
De 26 a 30 anos	0	26	26
De 31 a 35 anos	0	39	39
De 36 a 40 anos	0	49	49
De 41 a 50 anos	1	100	101
De 51 a 65 anos	4	104	108
+ de 65 anos	0	12	12
Total	5	379	384

Fonte: Banco de dados pesquisa Congresso de 10 anos da UNICAFES – 2015

Na tabela VI percebemos que a participação das mulheres em ONG's é muito baixa representando apenas 1,30% das entrevistadas e concentradas na faixa etária de 51 a 65 anos.

Tabela VII – Proporção da participação das mulheres em Grupos de Igreja Católica, com relação à idade.

Idade	Grupos da Igreja Católica		Total
	Sim	Não	
- de 16 anos	2	6	8
De 17 a 21 anos	8	13	21
De 22 a 25 anos	7	13	20
De 26 a 30 anos	14	12	26
De 31 a 35 anos	22	17	39
De 36 a 40 anos	31	18	49
De 41 a 50 anos	70	31	101
De 51 a 65 anos	73	35	108
+ de 65 anos	9	3	12
Total	236	148	384

Fonte: Banco de dados pesquisa Congresso de 10 anos da UNICAFES – 2015



Já na tabela VII, percebe-se a forte presença das mulheres em grupos e atividades ligadas a Igreja Católica cuja participação das mulheres em suas atividades representa 61,45% das entrevistadas. Este dado sinaliza uma característica regional, mas também o protagonismo da Igreja Católica nos movimentos sociais do campo. Protagonismo esse que foi determinante para as organizações do campo nas décadas de 1970 a 1990, sobretudo com o surgimento das pastorais.

Tabela VIII – Participação das mulheres presentes no Congresso de 10 anos da UNICAFES em Grupo de Igreja Evangélica, com relação à idade.

Idade	Grupo de Igreja Evangélica		Total
	Sim	Não	
- de 16 anos	0	8	8
De 17 a 21 anos	0	21	21
De 22 a 25 anos	0	20	20
De 26 a 30 anos	1	25	26
De 31 a 35 anos	0	39	39
De 36 a 40 anos	1	48	49
De 41 a 50 anos	2	99	101
De 51 a 65 anos	2	106	108
+ de 65 anos	0	12	12
Total	6	378	384

Fonte: Banco de dados pesquisa Congresso de 10 anos da UNICAFES – 2015

Na tabela VIII sobre a participação de mulheres em Movimentos de Igreja Evangélica, percebemos que a participação da mesma representa apenas 1,56% das entrevistadas.

Na tabela IX, sobre a porcentagem de mulheres filiadas a partidos políticos, 14,32% das entrevistadas afirmam serem filiadas a algum partido político. Entretanto 7,03% das entrevistadas, não sabem se são filiadas a algum partido político. Esse dado nos faz questionar sobre qual a concepção que a mulher possui em relação aos partidos políticos e até mesmo, sobre a política. Das mulheres filiadas a algum partido político 23 são filiadas ao PT, 13 ao PMDB e três ao PSDB.



Edição Especial Cooperativismo e Desenvolvimento Local

Tabela IX – Participação das mulheres presentes no Congresso de 10 anos da UNICAFES em partido político, com relação à idade.

Idade	É filiado a algum partido político			Total
	Sim	Não	Não sei	
- de 16 anos	0	7	1	8
De 17 a 21 anos	1	20	0	21
De 22 a 25 anos	3	17	0	20
De 26 a 30 anos	0	25	1	26
De 31 a 35 anos	6	32	1	39
De 36 a 40 anos	9	38	2	49
De 41 a 50 anos	17	75	9	101
De 51 a 65 anos	16	80	12	108
+ de 65 anos	3	8	1	12
Total	55	302	27	384

Fonte: Banco de dados pesquisa Congresso de 10 anos da UNICAFES – 2015

Os dados abordados nos mostram quais os movimentos sociais representam as mulheres vinculadas ao cooperativismo solidário no estado do Paraná.

Temos como resultado uma alta participação das mulheres nos movimentos da Igreja Católica, representado por 236 (61,43%) das entrevistadas. Esse resultado fortalece o dado apresentado referente ao surgimento de alguns dos movimentos feministas no campo, que surgiram com o apoio das CEB's vinculados a Igreja Católica. O segundo movimento com maior participação das mulheres é o Movimento de Mulheres o qual é representado pela participação de 117 (30,46%) das entrevistadas.

Considerações Finais

Como salientado, os movimentos feministas se configura de acordo com os interesses de seus envolvidos, os quais se fazem presentes nos mais diversos âmbitos sociais, tanto no meio rural como no meio urbano, no qual se originou.

Ao longo de seu desenvolvimento o movimento feminista sofreu alterações para que melhor seja empregado na sociedade, visando à representatividade dos interesses das mulheres dos variados grupos sociais. Em seu início ele era representado por mulheres de classe media, instruídas e da zona urbana. Com o passar do tempo o movimento feminista foi aderido pelas mulheres do meio rural, o qual tem por base os grupos de mulheres que surgiram atrelados as CEB's da Igreja Católica. Ambas vertentes do movimento feminista lutam pela garantia de direitos



Edição Especial Cooperativismo e Desenvolvimento Local

sociais e políticos e pela igualdade social, mas se diferenciam em alguns aspectos, visto que as realidades sociais são diferentes.

Mesmo o cooperativismo solidário com seu caráter de igualdade social e luta pela melhoria das condições de vida, e das ações de formação realizadas com seus cooperados, ainda possui um grande desafio para angariar a autonomia e empoderamento da mulher.

A baixa participação das mulheres nos movimentos sociais e nas atividades econômicas nos remete que é necessário fazer uma melhor formação de base, onde a mulher possa compreender a importância da sua participação nos movimentos sociais, através dos quais poderá ampliar direitos e melhoria de vida, como também o seu reconhecimento como protagonistas das conquistas sociais, econômicas e políticas.

Referências

ADÃO, Nilton Manoel Lacerda. **Movimento das mulheres camponesas: a origem religiosa e o “cuidado” na estrutura familiar.** Congresso de Teologia da PUCPR. Curitiba, p.174-186, 2011.

Alvarez, F. A. Pesquisas de opinião em campanhas eleitorais. 2008. Disponível em <<http://www.inf.ufsc.br/~fred/inferencia/Aulas%20PB/Aula%202%20-%20pb.ppt>>. Acesso em: 15 de maio de 2009

ALVES, Adilson F. **Diagnóstico da percepção das mulheres cooperativistas do estado do Paraná em relação às cooperativas de economia social e solidária /** Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus de Francisco Beltrão. Francisco Beltrão: UNIOESTE, 2016.

ALVES, Ana Carla Farias; ALVES, Ana Karina da Silva. AS TRAJETÓRIAS E LUTAS DO MOVIMENTO FEMINISTA NO BRASIL E O PROTAGONISMO SOCIAL DAS MULHERES. In: Seminário CETROS Neodesenvolvimentismo, Trabalho e Questão Social, 4, 2013, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza, UECE, 2013, p.113–121.

CINELLI, Catiane. **Movimento de mulheres camponesas: 30 anos de História na construção de novas relações.** *Revista Grifos*, N.34/35, p.34-49, 2013.

FARIA, N. **Economia feminista e agenda de luta das mulheres no meio rural: A economia dominante e a invisibilidade das mulheres.** 2007.

GADELHA, Renata Rocha. **Recampesinização e Ressignificação do Campesinato: Histórias de Vida no Movimento de Mulheres Camponesas do Paraná (MMC/PR) /254 f.** Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Fronteira Sul. Laranjeiras do Sul, 17 de fevereiro de 2017.

INFOCOS, Instituto de Formação do Cooperativismo Solidário (Org.). **Gestão**



Edição Especial Cooperativismo e Desenvolvimento Local

Participativa: Cartilha. Programa Gênero e Geração do Cooperativismo Solidário. Francisco Beltrão: Grafisul, v.II, p.1-52, 2011.

INFOCOS, Instituto de Formação do Cooperativismo Solidário (Org.). **Relações Culturais e Sociais.** Programa Gênero e Geração do Cooperativismo Solidário. Francisco Beltrão: Grafisul, v.II, p.1-52, 2011.

LOURENÇO Andréia Vigolo, SCHNEIDER, Sergio e GAZOLLA, Marcio. **A agricultura orgânica no Brasil:** um perfil a partir do censo agropecuário 2006. *Extensão Rural*, DEAER – CCR – UFSM, Santa Maria, v.24, n.1, jan./mar. 2017. 42-61 p.

MAGALHÃES, Manuela de Sousa. **Trajetórias em movimentos:** a construção da identidade política na organização das mulheres trabalhadoras Rurais em Minas Gerais / 202 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Belo Horizonte, 04 de agosto de 2008.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Feminismo, história e poder.** *Revista de Sociologia Política*, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, Jun. 2010.

Programa de Gênero e Geração da Unicafes Paraná (Org.). **Coletânea De Gênero em Geração Levando Sabor a sua Mesa**, Francisco Beltrão: Gráfica Berzon, v.1, p.1-20, 2015.

SOARES, Vera. **Movimentos feministas:** paradigmas e desafios. *Revista Estudos Feministas Especial*, Florianópolis, a.2, p.11-24, 1994.

SOARES, V. Muitas faces do feminismo no Brasil. In: BORBA, Ângela; FARIA, Nalu; GODINHO, Tatau (orgs). **Mulheres e política:** Gênero e feminismo no Partido dos Trabalhadores. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 1998, 3. p.33–54.

União das Cooperativas da Agricultura Familiar e Economia Solidária do Estado do Paraná (Org.). **Gênero e geração do cooperativismo solidário:** Agricultura Familiar e seus Desafios. UNICAFES/Paraná; INFOCUS. Francisco Beltrão: Grafisul, v.2, p. 1-32, 2015.

_____. **Gênero e geração do cooperativismo solidário:** Modelos de Organização. UNICAFES/Paraná; INFOCUS. Francisco Beltrão: Grafisul, v.2, p. 1-28, 2015.

<https://forumdemulheres.com/a-marcha-das-margaridas/>. Acessado em 31 de julho de 2017.

Scheunemann, E. Amostra. 2008. Disponível em <<http://risk.learnhub.com/lesson/5826-amostra>>. Acesso em: 15 de maio de 2009.

Recebido em 30/11/2018
Aprovado em 15/01/2019